

***A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de alcoólicos anônimos.* Leonardo Mota. Editora Paulus, São Paulo, 2004, 199pp. (Série Alternativa).**

Martha Cristina Nunes Moreira

Departamento de Ensino / Saúde & Brincar – Programa de Atenção Integral à Criança Hospitalizada

A relevância do problema do alcoolismo para a área de saúde pública e para o sub-setor de saúde mental é inegável conforme os dados compilados pela Coordenação de Saúde Mental do Ministério da Saúde (2003). Seis por cento da população brasileira apresenta transtornos psiquiátricos graves decorrentes do uso de álcool e outras drogas, e 10% da população mundial sofre com transtornos relacionados a esse uso. No Brasil, em 2001, foram internadas 84.467 mil pessoas por problemas relacionados ao uso de álcool, com um custo de mais de 60 milhões de reais para o Estado. No entanto, apesar desse quadro, das iniciativas profissionais e das políticas de saúde voltadas para esse segmento da população, ainda existe um vasto campo de preconceitos envolvendo a presença e organização de outras formas de apoio ao alcoolismo na sociedade. E daí cabe perguntar qual o espaço de interlocução possível entre o campo técnico e acadêmico e as possibilidades de recuperação de pessoas que sofrem com o alcoolismo que tem como base a força de um grupo cuja maior causa se funda sobre a “dádiva da sobriedade”.

Partindo do cenário acima é que comentamos o livro de Leonardo Mota, apontando como um dos méritos de seu trabalho a aplicação do estudo sociológico a um problema social e de saúde reconhecido – o alcoolismo – pela perspectiva de análise dos grupos de AA (Alcoólicos Anônimos) que surgiram nos Estados Unidos em 1935 e no Brasil, em 1947. Baseado em uma rigorosa pesquisa empreendida, o autor assinala a possibilidade de rever a literatura laica sobre os grupos de AA e superar a superficialidade que acabam reservando na área acadêmica ao estudo sobre esses grupos. Associando a essa revisão as técnicas de observação participante, as entrevistas, os questionários e as histórias de vida com alguns dos membros dos grupos estudados, Mota tem acesso também aos conflitos e formas de construção de sociabilidade que propiciam uma estrutura de auto-ajuda e o enfrentamento do alcoolismo.

Sua pesquisa teve como campo a cidade de Fortaleza e dez grupos de AA da região metropolitana da cidade, contemplando um universo de cem pessoas participantes. Associando as vertentes qualitativa e quantitativa, o autor discute o campo das novas formas de solidariedade na modernidade, cuja presença dos grupos de AA é uma das formas organizativas de expressão mais conhecidas no mundo. O autor desenvolve seu estudo com base nos argumentos sociológicos sobre a presença da dádiva na modernidade. Para tanto ultrapassa as cosmovisões individualista e holista em sociologia e suas explicações acerca das motivações que residem nas formas de associação entre as pessoas. Dessa maneira a discus-

são contemporânea acerca do tema da sociabilidade, da estrutura das redes sociais de ajuda mútua, bem como da solidariedade, insere-se nas discussões sobre os sistemas de reciprocidade, e vai ao encontro da Teoria da Dádiva como uma terceira via de análise, que não se rende nem ao individualismo metodológico, nem ao holismo.

Ao buscar a Teoria da Dádiva, retornando a Marcel Mauss (1960) e a uma série de autores que discutem no contexto moderno em face dos problemas atuais (Martins, 2002; Godbout, 1999; Caillé, 2002), o autor abre ao leitor uma perspectiva que vai ao encontro do contexto relacional daquilo que se dá no intervalo entre agência e estrutura, no dinamismo das relações sociais, das narrativas e ações comunicativas.

Muito embora situada em outro contexto e tratando de outro campo de interesses e tradições – no caso a produção do capital social na Itália moderna –, a obra de Putnam (1996) discute temas como confiança e compromisso recíproco tomando como exemplos as associações de crédito rotativo que se fazem presentes em diversas sociedades. Ao contrapor a prática dessas associações aos dilemas da ação coletiva, em que sobressai ao final o “homem egoísta” que visa a seu próprio bem, o autor se pergunta como essas associações prosperam, superando os receios das deserções. Ao contrário da deserção, o que comparece no cenário é o cumprimento das obrigações para com a contribuição e a reciprocidade. No caso da discussão empreendida por Mota sobre os grupos de AA também podemos nos perguntar sobre os elementos que produzem adesão, confiança, reciprocidade e solidariedade nesses grupos. Uma das respostas está no recurso à “teoria da dádiva” e ao argumento de que a filosofia dos AA e seu funcionamento coloca em operação a tríade dar / receber / retribuir e faz circular a sobriedade como um valor. Se o álcool, de certa maneira, é inicialmente um agente produtor de sociabilidade – um dos significados da bebida em nossa sociedade, e ao qual se atribui um valor positivo, é seu potencial de reunião, encontro e troca – ele se torna para uma parcela da população um agente de dissociação, um fator que gera rupturas no campo das relações sociais, na família e no trabalho.

Os grupos de AA produzem uma série de possibilidades de rupturas biográficas na relação da pessoa dependente com o álcool e com seu campo de relações, reestruturando-as. Primeiramente a lógica dos grupos segundo o autor, não visam reproduzir o papel de “alcoz” que o álcool ocupa na vida do alcoolista, assim a coerção não deve ser a marca da ruptura biográfica representada pela alteração da visão de mundo de uma pessoa dependente do álcool quando se filia ao AA. A filosofia do grupo se constrói pelas duas vertentes: aquela referida aos doze passos – que vai marcar a vivência de cada pessoa filiada ao AA; e a das doze tradições – que vai marcar as relações de convivência no grupo. É, portanto a abordagem plural do AA associada a uma cultura de recuperação, que não deixa de evocar a religiosidade representada em um “ser superior”, que vai caracterizar o surgi-

mento e a difusão dos alcoólicos anônimos no mundo. Dessa maneira, a dádiva da sobriedade identificada por Mota como algo que foi recebido gratuitamente, e gratuitamente tem de ser oferecido, se concretiza nas formas de abordagem, nas finanças (que devem estar referidas sempre à idéia de que o AA é uma organização materialmente pobre), no apadrinhamento, no serviço e na solidariedade.

Mauss, no *Ensaio sobre o dom*, afirma que a triade dar / receber / retribuir refere uma obrigação que estrutura as sociedades arcaicas, e remonta a uma certa universalidade que se traduz como um fenômeno social total. Ou seja, *diz respeito ao conjunto das dimensões da ação e exerce profunda repercussão em toda a sociedade* (p. 192). Por essa afirmação o dom pode ser entendido como um símbolo. E o paradigma da dádiva transforma o dom, na qualidade de símbolo, no operador específico para a criação e surgimento do vínculo social. A diferença é que nas sociedades arcaicas e/ou nas pequenas sociedades a dádiva representa o ato político por excelência, discriminando o amigo do inimigo, o interior do exterior. Essa ambivalência reconhecida por Mauss originariamente permitia que os amigos de ontem se tornassem os inimigos de amanhã. No interior, nas relações familiares, dos pais, e entre os próximos predomina a dádiva da partilha. A pequena sociedade se funda no interconhecimento, enquanto nas sociedades modernas a aliança se estabelece para além das relações interpessoais. A dádiva nas sociedades pequenas é agonística, ou seja, refere-se às relações pessoa a pessoa, relações primárias. Já nas sociedades modernas, a dádiva tem um análogo que é o político: a possibilidade de perda da pessoalidade, e a possibilidade de, ao mesmo tempo, que se dá a todos não se dá a ninguém. Segundo Caillé (2002) o paradigma da dádiva e do simbolismo corresponde ao paradigma do político.

Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde. Roseni Pinheiro, Ruben Mattos Kenneth R. Camargo Jr. (org.). UERJ-IMS-Abrasco, Rio de Janeiro, 2003, 228pp.

Maria Auxiliadora de S. Mendes Gomes
IFF/Fiocruz

Integralidade como um dos princípios do SUS e, antes disto, uma das “bandeiras de luta” do chamado Movimento Sanitário. A integralidade como um eixo norteador de novas formas de agir social em saúde. Integralidade não como um conceito, mas como um ideal regulador, um dever. Nas perspectivas de Ruben Mattos, Roseni Pinheiro e Kenneth R. Camargo Jr encontramos elementos que refletem a lucidez e maturidade do Projeto Integralidade, desenvolvido no Instituto de Medicina Social da UERJ. A coletânea *Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde* é mais um de seus valiosos produtos, apre-

sentando abordagens analíticas e dados empíricos de distintas experiências nas áreas de ensino, pesquisa e serviços.

Mota consegue realizar uma recuperação adequada e criativa da “teoria da dádiva”, deixando claro o argumento já anteriormente desenvolvido por Godbout (1999) de que o AA tem no sistema da dádiva um ingrediente fundamental para o estabelecimento de redes de ajuda mútua. E a partir da análise do autor podemos repensar outras tantas formas de associação de base voluntária que tem no grupo a função de apoio social, e a crença na capacidade religante que contribui para a produção de um conhecimento emancipado, e formas de “religião secularizada” (Moreira & Souza, 2002). Nesse sentido, compartilhar, apoiar, produzir e fazer circular valores tornam-se motores para a produção de redes de sociabilidade, em que afetos e relações têm a oportunidade de serem ressignificados, contribuindo para a produção de vínculos sociais.

Referências bibliográficas

- Caillé A 2002. *Antropologia do dom*. Editora Vozes, Petrópolis.
- Godbout J 1999. *O espírito da dádiva*. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Martins PH (org.) 2002. *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Editora Vozes, Petrópolis.
- Mauss M 1960. *Sociologie et anthropologie*. Presses Universitaires de France, Paris.
- Moreira MCN & Souza WS 2002. A microsociologia de Erving Goffman e a análise relacional: um diálogo metodológico pela perspectiva das redes sociais na área de saúde. *Teoria & Sociedade* 9(jun):38-61.
- Putnam RD 1996. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

sentando abordagens analíticas e dados empíricos de distintas experiências nas áreas de ensino, pesquisa e serviços.

Dentre os significativos textos da coletânea (são onze no total), três merecem citação específica em função de sua densidade e abrangência conceitual – “Práticas eficazes x modelos ideais: ação e pensamento na construção da integralidade” (Roseni Pinheiro e Madel Therezinha Luz); “Um ensaio sobre a (in)definição de integralidade” (Kenneth Rochel de Camargo Jr); e “Integralidade e a formulação de políticas específicas de saúde” (Ruben Araújo de Mattos).

O texto de Roseni Pinheiro e Madel Luz registra e analisa a nossa bem conhecida dificuldade para implementação de modelos em saúde. Nele encontramos uma discussão fundamental sobre a integralidade na perspectiva das práticas no cotidiano nas instituições de saúde. Além das dificuldades decorrentes da ausência ou inadequação das condições necessárias à implementação de modelos/programas, as autoras destacam o habitual desencontro entre os